

COMUNICAÇÃO RURAL E MERCADO DE TRABALHO NA ERA TECNOLÓGICA: O DESENVOLVIMENTO LOCAL ESTÁ NA PAUTA

Maria Salett Tauk Santos*

Este texto analisa as perspectivas do mercado de trabalho em Comunicação Rural à luz das transformações que a agricultura vem sofrendo no mundo graças as revoluções da informática e da biotecnologia. A análise enfatiza uma importante abertura de mercado de trabalho para o comunicador rural, agora transformado em gestor de processos comunicacionais, dentro das dinâmicas do desenvolvimento local.

Os setores hegemônicos do mundo globalizado estão cada vez mais próximos do dia em que irão anunciar o fim da agricultura que depende da terra, do clima, das estações do ano e até do homem, tornando obsoletos, portanto, os agentes até então considerados essenciais à produção agrícola.

A reunião da revolução do computador e da revolução da biotecnologia num complexo tecnológico único irá, como afirma Jeremy Rifkin “substituir o cultivo da terra por culturas de laboratório, mudando para sempre o modo como o mundo vê a produção de alimentos”¹.

David Goodman antecipa o sentido histórico dessas mudanças que estão ocorrendo na produção agrícola, em todo o mundo, afirmando que o vínculo entre a biotecnologia e a automação “transformará cada vez mais a indústria alimentícia em um setor de alta tecnologia, facilitando sua incorporação dentro de um grupo industrial genérico que transforma matéria prima”.² As conseqüências, disso para Goodman, são que o agricultor dará lugar ao “bio-gerente” e a observação será substituída por “software”. Nessa perspectiva a biotecnologia e a micro-eletrônica marcam, na sua opinião, “o fim da pré-história da indústria alimentícia e sua incorporação ao sistema industrial de dinâmicas mais amplas e da sociedade pós-industrial”.³

* Doutora em Ciências da Comunicação, professora do Curso de Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural.

¹ RIFKIN, Jeremy. O fim dos empregos. O declínio inaceitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho; tradução Ruth Gabriela Bahr. São Paulo : Makron Books, 1995. P. 132.

² GOODMAN, David et al. Apud RIFKIN, Jeremy. Op.cit., p. 132, vide nota 1.

³ Idem, p. 133.

Concretamente e de forma resumida vejamos em que consiste essa revolução que promete, num futuro próximo, deixar em desuso a terra, os insumos e o homem, quando se trata de produção agrícola.

AGRICULTURA DE LABORATÓRIO

Em relação a alternativa ao uso da terra na produção agrícola, as empresas químicas já estão investindo em laboratórios de culturas de tecidos, na expectativa de acabar com o cultivo do solo nas próximas décadas. Já existe nesse campo, nos Estados Unidos, experiências exitosas na produção de baunilha, laranja e limão em laboratório.⁴

Os insumos que já vinham transformando a agricultura ao longo das últimas décadas, quando os fertilizantes químicos substituíram a adubação animal na lavoura e os agrotóxicos substituíram a rotatividade das culturas, agora tendem a se tornar dispensáveis, na medida em que avança a agricultura baseada na genética. Já estão sendo produzidas, por exemplo, plantas transgênicas que incluem na sua composição uma toxina, chamada BT, capaz de matar as pragas invasoras, dispensando assim os defensivos.

A revolução tecnológica já chegou para valer não apenas em países de tecnologia mais avançada mas em experiências de países como a Argentina e o Brasil onde o computador comanda os chamados “sistemas especializados” desenvolvidos para auxiliar os produtores na gestão, de forma integrada, dos diferentes domínios da agricultura que incluem irrigação, fertilização, nutrição, controle de pragas, entre outros. E mais: sofisticados robôs já estão sendo utilizados para substituir o homem em tarefas como ordenhar vacas, monitorar a alimentação do rebanho, tosquiando carneiros.

O impacto maior da revolução tecnológica na agricultura, como nos demais campos de trabalho, se dá entretanto no domínio do humano. O trabalhador da agricultura acostumado a ser o fator de produção fundamental vai se tornando cada vez mais dispensável ao processo produtivo agrícola.

Nesse sentido RIFKIN faz um balanço do seu resultado dessa revolução nos Estados Unidos, país em que esse processo de transformação encontra-se num estágio mais próximo

⁴ A esse respeito ver RIFKIN, Jeremy op. cit. p. 133.

da completude, demonstrando que a mão-de-obra humana na agricultura, que já vinha sendo reduzida nas taxas de 26% e 35% nas décadas de 1940 e 1950, a partir de 1960 fora reduzida em cerca de 40% sobre o que restou dos trabalhadores das décadas anteriores. Em contrapartida a produtividade nas últimas décadas aumentou mais, assegura RIFKIN, ‘do que em qualquer época desde o início da Revolução Neolítica’⁵.

A expectativa do aumento do chamado desemprego tecnológico na agricultura nos próximos anos é avassaladora para os países do terceiro mundo. Um estudo realizado em 1985 na Holanda afirma que mais de 10 milhões de agricultores ocupados na produção açucareira nesses países poderão perder o sustento por causa da invasão dos adoçantes produzidos em laboratório no mercado mundial.⁶

As empresas químicas e farmacêuticas, afirma Rifkin, pretendem utilizar a engenharia genética para eliminar totalmente o agricultor. Os novos processos de laboratório permitirão as multinacionais exercerem maior controle sobre os mercados mundiais. Afinal, ironiza RIFKIN, “controlar genes no laboratório é menos trabalhoso do que controlar o clima, a terra e os trabalhadores num país de terceiro mundo”.⁷

AGRICULTURA HIGHTECH E O FIM DO EMPREGO

Embora considerando que nada é linear em suas evoluções, no Brasil, como nos demais países da América Latina, essa nova onda de modernização no campo baseada na informática, na microeletrônica e na biotecnologia promete, na opinião de José Graziano

Silva, “ser ainda mais excludente que suas anteriores. E as falsas expectativas de que as inovações tecnológicas se fariam acompanhar por si mesmas de uma modernização das relações de produção não se concretizaram”⁸.

A explicação está no fato das inovações tecnológicas coincidirem, no Brasil dos anos 90, com uma política macroeconômica restritiva e medidas institucionais de liberalização

⁵ RIFKIN, Jeremy op. cit. p. 121 vide nota 1.

⁶ “Product Substitution through Biotechnology: Impact on the third World”. *Trends in Biotechnology*, April, 1986, p. 89 *apud* RIFKIN, J. op. cit. p. 134.

⁷ RIFKIN, J. op. cit. p. 136.

⁸ SILVA, José Graziano da. Por um novo programa Agrário in Reforma Agrária. Revista da Associação Bras. de Reforma Agrária-ABRA n.2, v.23, mar./ago., 1993, p. 11.

comercial e financeira que expôs a indústria brasileira à concorrência internacional. O que levou as empresas a redefinirem suas estratégias de produção para se tornarem competitivas no novo mercado globalizado. Entre as novas estratégias estão a busca das inovações tecnológicas e a redução quantitativa do emprego.⁹

O impacto humano dessa “modernização dolorosa” levou organizações como a FAO a reconhecer que “no Brasil como de resto em toda a América Latina, a pobreza rural e urbana adquiriu dimensões tais que já não pode ser combatida somente através de programas e políticas compensatórias”¹⁰. Nesse sentido a FAO reconhece que são necessários ajustes no modelo produtivo e de desenvolvimento social em si mesmos, com o objetivo de elevar o nível de renda e de vida das populações rurais marginalizadas”¹¹.

COMUNICAÇÃO RURAL: SUBSTITUINDO VELHOS MODELOS

A crise operada pela tecnologia combinada às transformações econômico-culturais suscitadas nos anos 90 leva-nos a reconhecer que os instrumentos de que dispomos para promover esse novo desenvolvimento social no meio rural, que a FAO propõe, tornaram-se obsoletos. A Comunicação Rural é um exemplo disso. As estratégias tradicionais da Comunicação Rural de persuadir as populações rurais a adotarem tecnologia ou de organizar a população para a luta transformadora tornaram-se inócuas.¹² As razões dessa obsolescência são senão simples, fáceis de identificar.

Podemos começar analisando a mudança de sentido do rural que em épocas passadas tinha um delineamento peculiar associado principalmente ao trabalho e ao modo de vida das populações que vivem em contextos rurais. Hoje, a mundialização da cultura massiva, respaldada pela tecnologia, tem cada vez mais homogeneizado a forma das populações rurais darem sentido às suas vidas no trabalho, como no lazer, na saúde, na educação e até na fé, através do consumo. O consumo serve para pensar a sociedade contemporânea, afirma Nestor

⁹ A esse respeito ver: BONELLI, R. e FONSECA, R. Produtividade, salários e emprego na indústria brasileira: uma análise da evolução recente. Notas sobre o mercado de trabalho nº. 3. Ministério do Trabalho, Brasília, 1998; CACCIAMALI, M.C. e BEZERRA, L.L. Produtividade e emprego industrial no Brasil. São Paulo : Hucitec-ABET, 1997.

¹⁰ FAO, Políticas agrícolas e Políticas Macroeconômicas en America Latina, Estudio Desarrollo Economico y Social 118, 1992, p. 104 apud SILVA, José Graziano da. Op. cit. p. 10 v. nota 8.

¹¹ Idem.

¹² A esse respeito ver SANTOS, Maria Salett Tauk. A participação na Comunicação Rural: do Difusionismo modernizador ao Desenvolvimento auto-sustentável. SYMPOSIUM, Revista de humanidades, Ciências e Letras,

Garcia Canclini.¹³

Por outro lado a mudança no comportamento dos atores sociais em tempo de políticas neoliberais se constituiu num fator decisivo para tornar obsoleto os modelos tradicionais da comunicação rural, na medida em que mudam as relações entre esses atores.

O Estado providência que no passado tomava para si a tarefa de promover o desenvolvimento rural, hoje – por se encontrar sujeito às regras da reestruturação mundial da economia e da crise das despesas públicas – procura intervir de forma localizada em parceria com os diferentes setores da sociedade.

Os movimentos sociais e as ONGs que lhes dão apoio, igualmente redefinem suas estratégias de intervenção, antes limitada à esfera reivindicatória, para o domínio do econômico estabelecendo, como assinala LEVESQUE e MAGER – parcerias com os setores públicos e privado.¹⁴ As comunidades rurais, sentindo-se ameaçadas na sua coesão social, pela falta de perspectiva de emprego e renda e expostas a violências de todas as ordens, são impelidas a trabalhar em concertação com os demais atores sociais, participando de programas de desenvolvimento econômico e social.

COMUNICAÇÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Face a esses deslocamentos qual seria a perspectiva para o desenvolvimento rural neste final de milênio? O ponto de partida é redefinir o próprio sentido do rural levando em consideração o forte processo de urbanização a que está sendo submetido o mundo rural e ampliar, como enfatiza José Graziano, o rural “para além das atividades produtivas tradicionais (culturas e criação de animais) e incluir no espaço agrário a produção de serviços (tais como lazer, turismo, preservação do ambiente) e de bens não agrícolas como por exemplo, moradia e artesanato, incluindo aí as formas modernas de trabalho a domicílio, tão comuns nos países desenvolvidos”¹⁵.

Quanto às políticas de intervenção, as transformações operadas pela globalização tem demonstrado como vem se tornando cada vez mais distante a perspectiva de construção do

v. 34, n. 1, jan./jun., 1992, p. 53-64.

¹³ A esse respeito ver CANCLINI, Néstor Garcia. Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

¹⁴ LEVESQUE, B.; MAGER, C. Malo apud FAVREAU, Louis. Quartiers en crise: revitalisation et développement local en milieu urbain. Coopératives et Développement. Revue du CIREC.

¹⁵ SILVA, José Graziano da. Op. cit. p. 11. V. nota 8.

desenvolvimento em nível nacional. Este antigo modelo vem sendo substituído pelo desenvolvimento local, entendido como o “processo de construção de oportunidades e melhores condições” de vida para populações locais mobilizando capacidades endógenas”.¹⁶ Tal perspectiva tem se mostrado uma via eficaz em países como a França e o Canadá no sentido das populações locais enfrentarem os desafios e conflitos advindos da Globalização, no espaço onde esses conflitos se materializam: no local.¹⁷

É deste cenário de relações combinatórias do global e do local, e das mediações do urbano e do rural, do massivo e do popular, que emerge novos arranjos institucionais que impelem as Organizações Governamentais e não governamentais a estabelecerem parcerias com as populações rurais para a construção do desenvolvimento local.

São essas novas relações dos atores sociais que levaram a uma nova concepção de Comunicação Rural como um processo viabilizador de um “forum” local com capacidade de definir e gerar localmente políticas de desenvolvimento.¹⁸

Nessa perspectiva, a Comunicação Rural deve promover a concertação dos atores envolvidos no desenvolvimento local no sentido de possibilitar a promoção de ações econômico-produtivas imediatas; garantir a oportunidade para que os projetos de desenvolvimento sejam resultados das aspirações das pessoas envolvidas localmente e que o apoio governamental, em todos os níveis, sirvam de reforço à lógica local.¹⁹

COMUNICAÇÃO RURAL: O NOVO MERCADO DE TRABALHO

A nova prática da Comunicação Rural suscita uma perspectiva promissora para o mercado de trabalho dos profissionais da comunicação. Trata-se do gestor de processos comunicacionais. Profissional capaz de assessorar, planejar e executar políticas de comunicação voltadas para viabilizar a concertação dos atores sociais envolvidos no processo

¹⁶ A esse respeito ver ARAÚJO, Tania Bacelar de. Desenvolvimento local: possibilidades e limites. Recife, mimeo, 1997. SANTOS, M^o. Salett Tauk e CALLOU, Ângelo Brás Fernandes. Desafios da Comunicação Rural em tempo de Desenvolvimento Local. SIGNO Revista de Comunicação Integrada. UFPB. Ano 2. n. 3, Set., 1995, p. 42-47.

¹⁷ Informações sobre as experiências de desenvolvimento na França e no Canadá, ver as Organizações que promovem inclusive encontros mundiais de desenvolvimento local: UNADEL-E-MAIL:unadel@francemulti-media.fr.; IFIDEC-E-MAIL:rmdl@ifdec.qc.ca.

¹⁸ SANTOS, M^o. Salett Tauk; CALLOU, Ângelo Brás F. Desafios da Comunicação Rural em tempo de Desenvolvimento Local. SIGNO Revista de Comunicação Integrada. UFPB, ano 2, set., 1995, p. 46.

de desenvolvimento local. Este profissional chamado de analista e gestor de processos comunicacionais tem a função de planejar e executar projetos de comunicação que tanto cabem dentro dos meios massivos e das grandes organizações públicas e privadas, como dentro de instituições sociais, sindicatos, igrejas, associações e movimentos sociais.²⁰

LOPES enfatiza que o gestor de processos de comunicação deve ser fundamentalmente um planejador, alguém capaz de conceber o processo integral que vai do projeto à realização, alguém que saiba integrar conteúdos, discursos e públicos de maneira criativa.²¹

Ao integrar conteúdos e discursos da comunidade, da mídia, do setor governamental, a tarefa do gestor de processos comunicacionais é a de promover a concertação dos atores envolvidos na materialização dos objetivos que norteiam o desenvolvimento local²²:

- Encorajar a solução de problemas através do autodesenvolvimento econômico e social das comunidades locais.
- Sensibilizar as autoridades locais, regionais e nacionais face aos problemas ligados ao emprego, serviço de base etc.
- Sustentar a criação, no plano organizacional, de empresas comunitárias e de cooperativas de habitação, trabalho entre outras.
- Trabalhar em parceria com os atores locais.

O mercado está aberto. As evidências empíricas se avolumam no sentido de demonstrar o fracasso de projetos de desenvolvimento local, na maioria deles iniciativas governamentais, por falta de gestores de comunicação que possibilitem a interlocução entre atores sociais diferentes, a negociação dos conflitos, o estabelecimento das parcerias indispensáveis ao avanço do desenvolvimento local. Os exemplos mais emblemáticos dessa incomunicação são encontrados na gestão dos conselhos municipais, fator indispensável para garantir a democracia no processo de municipalização por que passa o país; e nos

¹⁹ Idem.

²⁰ A esse respeito ver: SOARES, Ismar de Oliveira. Analista e gestor de processos comunicacionais. In: BACCEGA, M^a. Aparecida (org.). Comunicação e Cultura: um novo profissional. São Paulo : CCA/ECA/USP, 1993, p. 23-29.

²¹ LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Sobre um novo projeto pedagógico no campo da comunicação. In: BACCEGA, op. cit. nota 16, p. 14-19.

²² A esse respeito ver: FAVREAU, Louis. Quartiers en crise: revitalisation et developpement local en milieu

assentamentos de Reforma Agrária onde, muitas vezes, o conflito entre os atores envolvidos se estabelece, em grande parte, pela incapacidade de gerenciar os atos comunicativos de negociação.

Assim, ao assumir a tarefa de gestor dos processos de desenvolvimento local o comunicador rural amplia a sua ação para além das atividades agrícolas tradicionais, sem contudo perder a perspectiva que caracteriza a Comunicação Rural ao longo do tempo: a de promover as mudanças sociais. O que muda é que agora o comunicador rural é o gestor da mudança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Tania Bacelar de. Desenvolvimento Local: possibilidades e limites. Recife, mimeo, 1997.
- BONELLI, R.; FONSECA, R. Produtividade, salários e emprego na indústria brasileira: uma análise da evolução recente. Notas sobre o mercado de trabalho n.3. Ministério do Trabalho, Brasília, 1998.
- CACCIAMALI, M.C.; BEZERRA, L.L. Produtividade e emprego industrial no Brasil. São Paulo : Hucitec-ABET, 1997.

- CANCLINI, Néstor Garcia. Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro : UFRJ, 1995.
- FAVREAU, Louis. Quartiers en crise: revitalisation et developpement local en milieu urban. Revue du CIRIEC. Ottawa, Ca, v. 26, n. 2, 1994-1995.
- RIFKIN, Jeremy. O fim dos empregos. O declínio inaceitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho. Tradução Ruth Gabriela Bahr. São Paulo : Makron Books, 1995, p. 132.
- SANTOS, Maria Salett Tauk. A participação na Comunicação Rural: do Difusionismo modernizador ao Desenvolvimento auto-sustentável. SYMPOSIUM, Revista de humanidades, Ciências e Letras, v. 34, n. 1, jan.jun., 1992.
- SANTOS, Maria Salett Tauk; CALLOU, Angelo Brás Fernandes. Desafios da Comunicação Rural em tempo de Desenvolvimento Local. SIGNO. Revista de Comunicação Integrada. UFPb, Ano 2, n. 3, set., 1995, p. 42-47.
- SILVA, José Graziano da. Por um novo programa agrário in Reforma Agrária. Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária-ABRA. n.2, v. 23. mar./ago., 1993, p. 11.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Analista e gestor de processos comunicacionais. In: BACCEGA, Maria Aparecida (org.). Comunicação e Cultura: um novo profissional. São Paulo : CCA/ECA/USP, 1993, p. 23-29.

